

Arte: Antônio dos Santos



EDIÇÃO 2023 | Nº 07

AMPLIE

LITERATURA

SUMÁRIO

Literatura Fantástica na telinha	04
A cultura rural mineira pelo olhar de Guimarães Rosa	06
Literatura para inteligências naturais	08
A salvação será um par de saltos e um velho batom cor-de-rosa	10
Do Amor à Solidão	12
Poemas e Microcontos	14
Colonialismo místico	18
Mural	20
Falando em números	22
Afinal, os brasileiros se interessam por literatura?	24
Amplie entrevista: José Vecchi	28
Geopoética	32
Brazilian literature	30
Ampliando	34
Amplie Indica	36

QUEM SOMOS

Muito prazer! Nós somos a Revista Amplie: Jornalismo em parceria com a comunidade.

A Amplie nasceu da vontade de quatro mulheres de ampliar a voz das comunidades e de colocar em prática os conhecimentos obtidos no curso de Jornalismo. Agora a equipe cresceu e conta com diversas pessoas que cuidam de todo o processo de produção da revista. Passamos de um projeto pessoal para um projeto de extensão ligado ao Departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais.

Cumprindo nosso objetivo com a comunidade, em todas as nossas edições, as matérias são enviadas por nosso público, que também é quem escolhe o tema. Além disso, levamos capacitações para escolas da região de Viçosa, porque sabemos da importância de uma boa escrita para projetarmos nossa voz com clareza.

O tema desta edição é Literatura, mas esse é apenas um dos vários temas que já dominaram as páginas da Amplie. Esperamos que na pluralidade desta e das outras edições você encontre uma voz que dialogue com a sua, seja para gerar reconhecimento, debates ou reflexões.

Literatura Fantástica nas Telinhas

A ascensão do fantástico na cultura pop

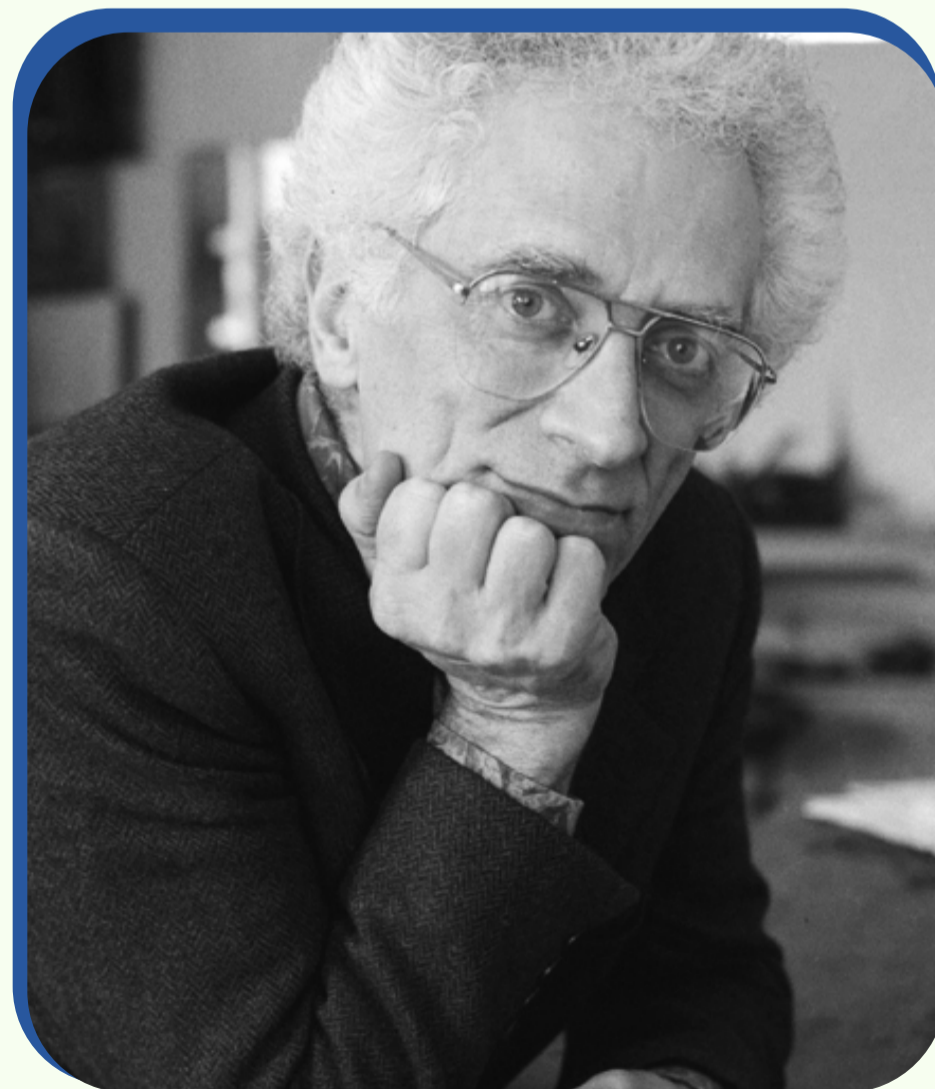
O mundo do entretenimento está em constante evolução, e uma das tendências mais marcantes dos últimos anos tem sido a crescente popularidade da literatura fantástica nos streamings. O público tem demonstrado um interesse cada vez maior por histórias repletas de elementos mágicos, criaturas sobrenaturais e universos paralelos.

A literatura fantástica sempre teve seu lugar no cânone literário; é um gênero que se destaca pela sua capacidade de criar mundos imaginários e personagens extraordinários. É também um gênero que transcende as fronteiras da realidade e que permite aos escritores explorar o inexplorado, desafiar as leis da natureza e mergulhar profundamente na imaginação humana.

Tzvetan Todorov, um renomado teórico e crítico literário búlgaro, em seu livro "Introdução à Literatura Fantástica", argumentava que a literatura fantástica se distingue de outros gêneros devido à sua abordagem singular. O fantástico não tenta buscar explicações para eventos sobrenaturais, mas procura estabelecer uma atmosfera de perplexidade e ambiguidade, gerando uma hesitação que instiga o leitor a questionar a realidade dos acontecimentos narrados. Essa hesitação, que mantém o leitor na fronteira entre o natural e o sobrenatural, constitui um elemento crucial da narrativa fantástica, proporcionando uma tensão narrativa que se destaca como uma das características mais marcantes do gênero.

Nos últimos anos, o gênero fantástico tem conquistado um público mais amplo devido à sua adaptação para o mundo dos filmes e séries. Podemos citar aqui nomes como "Harry Potter",

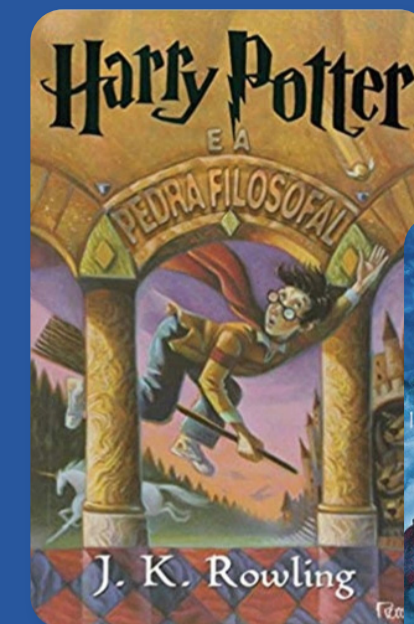
O fantástico não tenta buscar explicações para eventos sobrenaturais, mas procura estabelecer uma atmosfera de perplexidade e ambiguidade, gerando uma hesitação que instiga o leitor a questionar a realidade dos acontecimentos narrados.



O filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov.
Fonte: Grupo Companhia das Letras

"Percy Jackson e os Olimpianos", "Game of Thrones", "O Senhor dos Anéis" e "As crônicas de Nárnia", sendo todos eles produções de sucesso que foram adaptadas de livros. Essas produções geram um fenômeno cultural que se estende para além das telas e aumentam o interesse pelas obras originais, os espectadores ficam curiosos para explorar os detalhes e nuances que podem ter sido omitidos nas adaptações.

É inegável a contribuição da literatura para o crescente interesse do público por consumir literatura fantástica nas plataformas de streamings. Ela não apenas enriquece as narrativas com referências literárias profundas, mas também atua como uma ponte para apresentar aos espectadores diversos autores e obras.



Capa do primeiro livro e filme da saga Harry Potter.
Reprodução: Internet



Reprodução das páginas 97 e 98 de As Crônicas de Nárnia - Edição de Luxo: O Sobrinho do Mago.
Fonte: Harper Collins Brasil

Além disso, essa tendência destaca o papel da literatura como uma fonte inesgotável de inspiração para a cultura pop, demonstrando que as histórias fantásticas continuam a cativar e encantar o público moderno, seja nas páginas dos livros ou nas telas de nossas TVs e dispositivos de streaming. Essa relação simbiótica entre a literatura e o streaming tem proporcionado uma experiência enriquecedora para os fãs do gênero e continua a alimentar o fenômeno cultural da literatura fantástica na era digital. O sucesso das obras citadas anteriormente apenas ilustra como a literatura mantém seu poder de fascinar e inspirar, mantendo viva a tradição do fantástico em nossa cultura contemporânea.

Por Núbia Frederico





A cultura rural mineira pelo olhar de Guimarães Rosa



A obra "Sagarana" como representação do sertanejo mineiro.

Por Priscila Soares

Na literatura brasileira, o sertanejo está bem representado e se faz presente em diversas histórias que formam o imaginário popular e caracterizam nosso país. Há a figura do sertanejo nordestino, muito bem descrito por Graciliano Ramos em seus livros, e, nas terras mineiras, o nome de Guimarães Rosa surge, evocando memórias de sua cidade natal, no interior de Minas, na escrita do seu livro de contos "Sagarana".

Em uma carta para João Condé, por saudades da sua terra e por conhecer toda a ambientação da região, Guimarães Rosa decidiu-se pela temática do livro e passou horas revendo cantigas sertanejas e lançando lembranças da sua vivência na zona rural mineira. O livro busca uma proximidade do leitor ao cotidiano simples, com casebres e matas densas, na qual até a oralidade particular se faz presente na escrita do autor, obrigando uma voz interior leitora que "come" algumas palavras enquanto abrevia outras.

A cultura se faz presente não só na fala de seus personagens, mas também no jeitinho mineiro de contar "causos" e histórias que facilmente você ouviria na vida real. Ela está na narração e na construção de toda a natureza, valorizando e citando plantas e bichos diversos, que aparecem quase como protagonistas. Nos contos "O burrinho pedrês" e "Conversa de bois", os animais são as principais figuras da história, por exemplo.

Além disso, o uso do linguajar das personagens sempre faz referência ao ambiente que as cerca, sendo várias leituras com menções a coqueiros, galinhas, suindaras, sabiás, unhas-de-boi, jacarandás, jequitibás-rosa, camboatãs, entre outras plantas e bichos. Estes, para a vivência dos personagens, são os pontos de partida necessários para descrever tanto as paisagens quanto seus sentimentos. Sendo



Ilustração do livro Sagarana

Imagem disponível em: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira

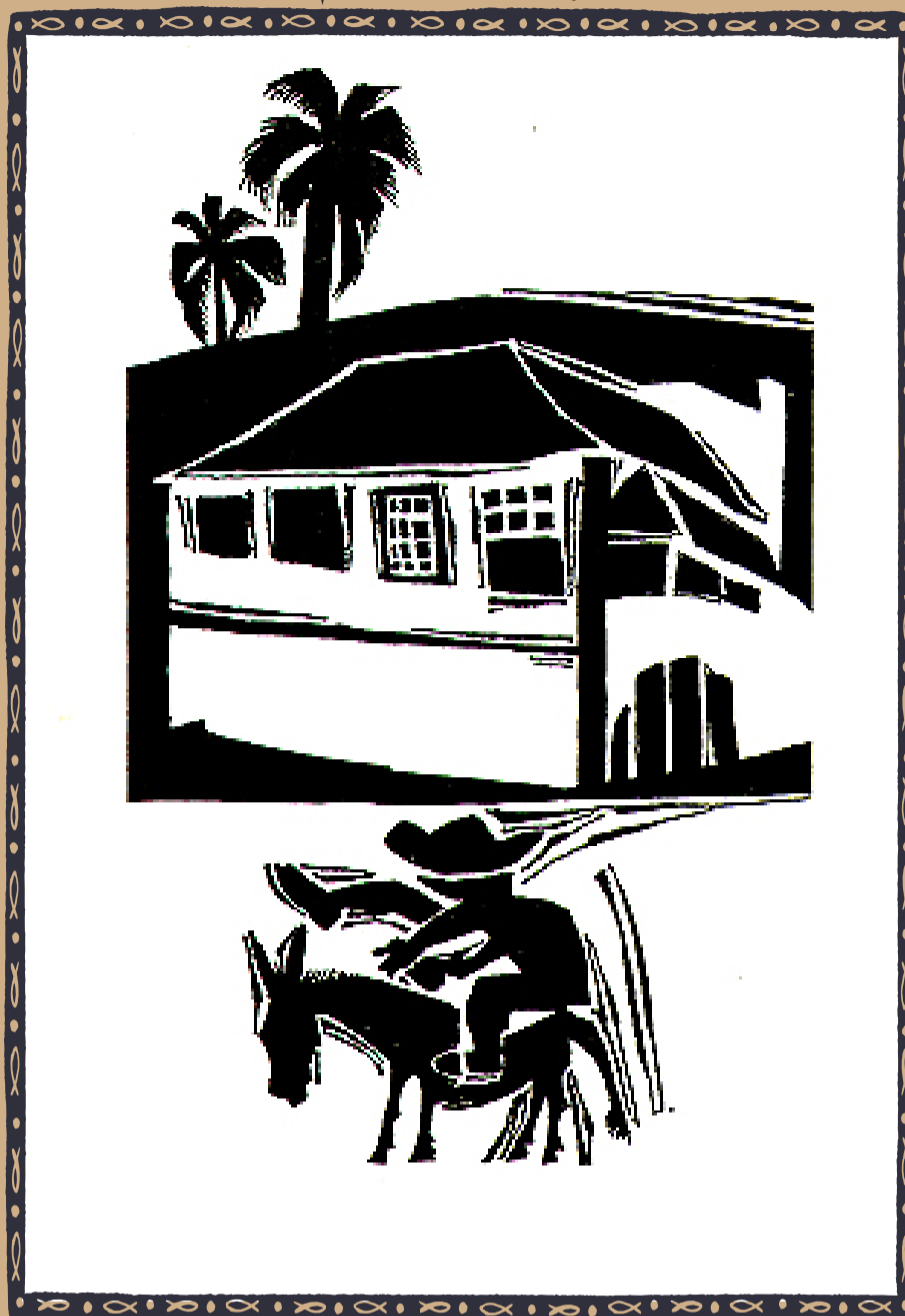


Ilustração do livro Sagarana

Imagem disponível em: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira

aquele que interage de forma única com a natureza, com sentimentos intensos e místicos, representando essa ambivalência entre o ser prático e o ser mágico.

Da leitura dos contos, destacam-se três para conhecer melhor essa representação rural: o primeiro, "Sarapalha", mostra a epidemia de malária em Minas, no qual o sentimento colocado é a solidão dos doentes abandonados, de suas cidades e das aves que cantam sem quem as escute. A febre vira a personagem principal: aqui vê-se uma Minas Gerais pouco comentada, de povoados inteiros largados. O segundo é "São Marcos", cujo tema é o misticismo, a mistura de crenças e superstições, esse apreço pelo que é mágico e perigoso, ambientado na zona rural. Por fim, uma menção especial ao conto "Duelo", sendo este meu preferido: uma caçada de vingança em razão de um assassinato por engano, com o melhor desfecho.

imagens do Freepick

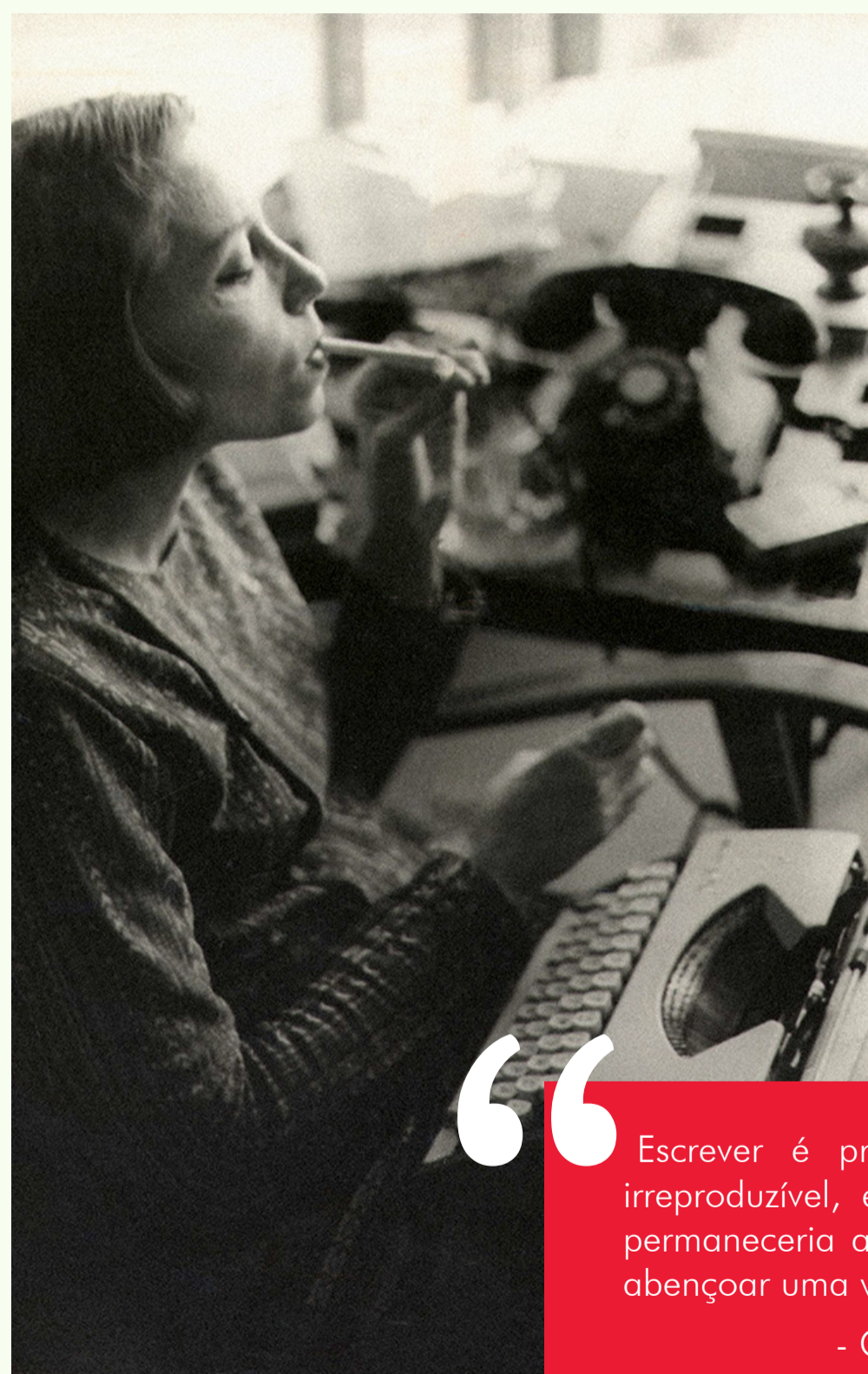


Literatura para inteligências naturais



O dilema da produção artística por meio de inteligências artificiais

Por Luís Otávio Rocha



Após o surgimento da terceira versão da inteligência artificial da empresa OpenAI, o ChatGPT-3, a internet foi tomada por pessoas maravilhadas com as habilidades que um algoritmo pode ter. Porém, todo esse avanço trouxe mais uma vez questões antigas sobre o tema: é possível chamar de arte as produções textuais e visuais geradas por essas tecnologias? É ética a maneira como esses algoritmos se apropriam de trabalhos já existentes para gerar respostas? Pode-se dizer que aqueles que usam a IA para escrever livros estão fazendo *literatura*?

A definição de arte é complexa e nunca pode ser totalmente satisfatória: na melhor das hipóteses, atende apenas a uma época específica e precisa ser atualizada quando se torna insuficiente. Mas um aspecto em comum entre diversas defini-



Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

- Clarice Lispector em "A descoberta do mundo"

Fonte: Reprodução fotográfica Correio da Manhã/Acervo Arquivo Nacional

ções de arte, e que pode ser encontrada com facilidade em dicionários, é a ligação entre a arte e a criatividade humana. Essa constatação já daria conta de responder se as produções das IAs são arte ou não, mas deve-se ir além. Para ser arte, além da criatividade humana e do processo de criação do artista, é necessária a interação da obra com o público. Não basta apenas ser belo para se considerar arte, uma vez que o conceito de beleza nunca é definitivo e que a História da Arte e a Estética já mostraram que definir o que é belo é tão complicado quanto definir o que é arte.

Para que a ferramenta da OpenAI possa "criar", ela aprende as características da linguagem por meio de um número vasto de textos disponíveis na internet. Sendo assim, todo e qualquer texto disponível na rede é usado no treinamento da IA para que ela possa gerar textos quando solicitada. Por essa razão, é possível pedir para que seja gerado um texto no estilo de Clarice Lispector, por exemplo, pois o algoritmo se apropria de tudo escrito pela autora que pode ser encontrado na internet e reorganiza com base em estatísticas e padrões linguísticos. Esse texto gerado, por se basear em textos já produzidos por pes-

soas, irá sempre remeter a algo que já foi escrito antes, tornando o "novo" apenas uma reorganização fria do que já existe. Portanto, seria uma literatura que sempre aponta para o passado, e só o gênio humano é capaz de ver além do horizonte.

Poucas semanas após o lançamento do ChatGPT-3, era possível encontrar notícias sobre o crescente número de livros escritos por meio da inteligência artificial. São "escritores" que, ou escreviam comandos para a IA gerar um livro e revisavam o resultado, ou mandavam seus textos para serem revisados e reescritos pelos algoritmos para vendê-los depois. Porém, a Literatura (com "L" maiúsculo) não corre perigo algum com isso. Tal prática só serve para vulgarizar a escrita, afastando-a cada vez mais da Literatura. Esta, por sua vez, se tornará mais rara e valorizada, praticada e lida por aqueles que se importam com a experiência humana e buscam uma forma de se expressar no mundo. Para aqueles que precisam desses artifícios para escrever, é melhor que sigam o conselho do velho Bukowski: **"a menos que venha sem pedir do seu coração e da sua mente e da sua boca e das suas entranhas, não faça."**

Don't do it.
Don't do it.



Fonte: Cândido



“A salvação será um par de saltos e um velho batom cor-de-rosa”

EM “O PARQUE DAS IRMÃS MAGNÍFICAS”, CAMILA SOSA VILLADA, AUTORA TRAVESTI ARGENTINA, EXPÕE COMO É VIVER NA AMÉRICA LATINA COMO UMA TRAVESTI. NESSA OBRA QUASE AUTOBIOGRÁFICA, ALTAS DOSES DE POESIA, MAGIA E BRUTALIDADE MOSTRAM O PODER DA LITERATURA EM CONTAR HISTÓRIAS REAIS.

Cristian era adolescente quando se tornou Camila, em uma cidade de menos de 5 mil habitantes no interior da Argentina, mas já sabia que era Camila muito antes de se travestir. Mudou-se para a cidade de Córdoba para estudar Comunicação Social e vivia uma vida dupla: durante o dia, estudante; à noite, cedia-se à prostituição no Parque Sarmiento — o “Parque das Irmãs Magníficas” —, como forma de sobrevivência. Foi onde, finalmente, encontrou seu lugar no mundo. Ali, acolhida por outras prostitutas travestis, ela era livre para ser a mulher que sempre quis ser.

A história de Camila é a de muitas outras travestis que sofrem com preconceito e tiveram que fugir da família para serem elas mesmas, mas que foram jogadas ao limbo, reféns da prostituição e perseguidas pela morte. A Argentina, cenário do livro, registrou, em 2020, 127 crimes de ódio a mulheres trans e 10 assassinatos. Enquanto isso, no mesmo ano, pelo menos 175 pessoas trans foram assassinadas no Brasil e, segundo o Dossiê da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transsexuais), todas as vítimas eram mulheres trans.



“EXISTE UM MONSTRO LÁ FORA, UM MONSTRO QUE SE ALIMENTA DE TRAVESTIS. DE UM DIA PARA O OUTRO SIMPLEMENTE JÁ NÃO EXISTIMOS.”

Contudo, os números de mortos podem ser ainda maiores, já que não existem dados oficiais em relação às pessoas trans. Levantamentos como os da ANTRA são feitos a partir de notícias, relatos, dados de órgãos de segurança pública, redes sociais, entre outras fontes. Isso é uma prova de que essas pessoas são esquecidas pelo poder público e de que a tendência é ignorar suas mortes.

Se viver como travesti na Argentina é um pesadelo, no Brasil é uma tortura. O país é o que mais mata transsexuais no mundo pelo 14º ano seguido. Dos 131 mortos em 2022, a maioria tinha entre 18 e 29 anos, sendo que a expectativa de vida dessa população por aqui é de 35 anos. No livro, Camila revela a natureza das travestis em viver uma vida curta quando diz: “um ano

nosso equivale a sete anos humanos”. As irmãs magníficas são travestis que têm em comum a necessidade da vida noturna para a sobrevivência, mas que carregam suas próprias histórias, vivências, dores e traumas. A autora faz o retrato de diferentes mulheres travestis, todas com uma dor, mas também uma alegria em comum: porque “ser travesti é uma festa”. Assim, o texto de Camila é poético, brutal e repleto de magia, assim como a potente existência de um corpo travesti. Ao traçar vivências latinas, a obra facilmente dialoga com a realidade brasileira. “O parque das irmãs magníficas” mostra ao leitor como a literatura ficcional pode ser mais realista do que se pensa.

E apesar da vida dura e da dor que as perseguia, a casa de Tia Encarna, a mais velha das travestis, de quase 180 anos, era um lugar seguro para todas as irmãs e, como descreve Camila, “Nessa casa travesti, a doçura ainda pode assustar a morte. Nessa casa, até a morte pode ser bela”. E também o livro, mesmo com tanta maldade e injustiça, pode ser belo.

Por Kamilly Nogueira



Capa do livro, publicado no Brasil em 2021 pela editora Tusquets. Crédito: Editora Planeta/Divulgação



DO AMOR

...À SOLIDÃO

Foto: Divulgação

Conheça Haruki Murakami, autor sempre presente nas listas do prêmio Nobel de Literatura

por Hamilton Silva

Início

Traduzida para mais de 50 idiomas e dispersada por todo o planeta, a obra de Haruki Murakami cativa aqueles que se aventuram em suas páginas estranhas e linhas míticas. Capaz de criar um forte viés de melancolia, com um miasma de tudo aquilo que é irreal, o autor ainda constrói os personagens mais únicos possíveis para serem “os olhos” da história.

Nascido no Japão em 1949, pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial, Murakami começou a carreira odiando a própria escrita e só iniciou a construção de seu próprio estilo quando decidiu escrever fora da sua língua materna. Mas, ainda assim, não gostou do produto final da sua primeira

obra. Na introdução de “Ouça a canção do vento & Pinball, 1973”, o autor fez a seguinte declaração:

“[...] era bastante óbvio que eu não ia conseguir escrever um bom romance. Eu nunca tinha escrito uma linha de ficção em toda minha vida, e não era de se esperar que eu sáísse escrevendo com a maior facilidade e produzisse, de primeira, uma obra excelente”.

Ele pode não ter gostado de sua primeira experiência na escrita, mas os críticos responsáveis por avaliar o concurso para novos escritores a adoraram e lhe deram, por isso, o prêmio principal.

Obras

Em geral, há dois grandes temas que permeiam todas as obras de Murakami, às vezes em maior ou menor grau, mas sempre presentes: o amor e a solidão humana, sejam sozinhos, dominando a própria narrativa, ou em conjunto, guiando o destino dos personagens.

No romance “Minha querida Sputnik”, o autor contrasta ambos, jogando com a paixão de Sumire por Miu e mostrando como todos os seres

humanos estão destinados à solidão.

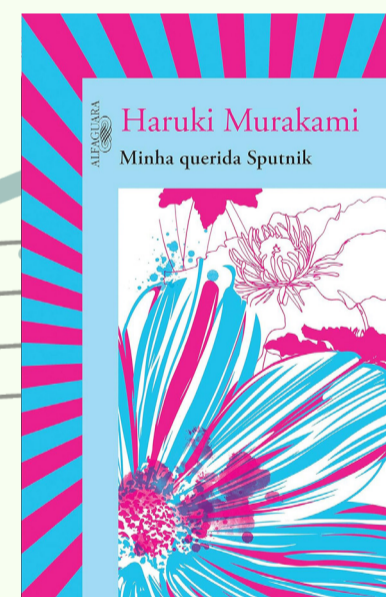
“Quando a órbita desses dois satélites se cruzam, acidentalmente, podemos estar juntas. Talvez, até mesmo, abrir nossos corações uma à outra. Mas só por um breve momento. No instante seguinte, estaremos na solidão absoluta. Até nos queimarmos completamente e nos tornarmos nada.”

Usar a música como meio para ritmar a história também é algo fre-

quente em suas narrativas. O autor utiliza as melodias para indicar os caminhos que a ficção seguirá, por vezes de forma mais óbvia, como em “Norwegian Wood” (que é uma canção dos Beatles), por vezes de forma sutil, como em “O incolor Tsukuru Tazaki e seus anos de peregrinação”, na qual ele usou uma criação de Liszt, “Le mal du pays”, para construir toda uma cadeia de eventos que transmuta o protagonista.

Com um forte traço surrealista e uma paixão maior pelos fatos não explicados, a obra inteira de Haruki Murakami possui várias lacunas propositalmente, o que ocasiona finais abertos.

Mas há outras características que estão igualmente presentes em seus livros, como os gatos (algumas vezes falantes), as pessoas misteriosas (que desaparecem) ou os adolescentes perdidos (no mundo e em si mesmos).



Presente

Muitos sites apontaram Haruki Murakami como ganhador do Nobel de Literatura deste ano, em parte, por ter recebido o prêmio Princesa das Astúrias de 2023. Porém, isso não aconteceu, e ele continua sendo um competidor sempre presente na grande premiação.

No meio de abril, o escritor lançou um novo livro, “The City and Its Uncertain Walls”, ainda não publicado no Brasil. Em compensação, foi lançado “Primeira pessoa no singular” pela editora Alfaguara, em maio, com a tradução de Rita Kohl.





Não poderia faltar textos literários em uma revista sobre literatura, né? Pensando nisso, pedimos para os nossos leitores soltarem os artistas que há dentro deles e nos enviarem seus poemas e microcontos.

Pronto para amar

Brendha

Para amar alguém é preciso se ter:
se ter como herói, se ter como inspiração.
Para que o amor possa ser doado, ele deve transbordar primeiro em você.
E quando estiver tão cheio de si que os sentimentos bons fluírem,
Vai ser a hora certa.
E você vai encontrar,
Não alguém que te complete,
você é inteiro demais,
Mas alguém para transbordar junto com você,
Seguir o mesmo fluxo,
Encaixar no seu ritmo próprio
E sentir
esse amor que transborda de você.
Então antes de amar outro alguém,
Se tenha, com amor.

Preservado

Antônio dos Santos

Seu cabelo é escuro como o véu que cobre o mundo à noite. Os olhos são de um marrom forte como a terra onde plantava flores para mim e tantas outras. A face é formada por uma harmonia que aprisiona qualquer olhar. Tudo nele é perfeito, preservado, a relíquia mais bonita da minha sala. Somente o seu peito, agora deformado, era perfeito. Queria ter me contido, mas só voltei a amar quando deixei seu coração como o meu, partido em mil pedaços.

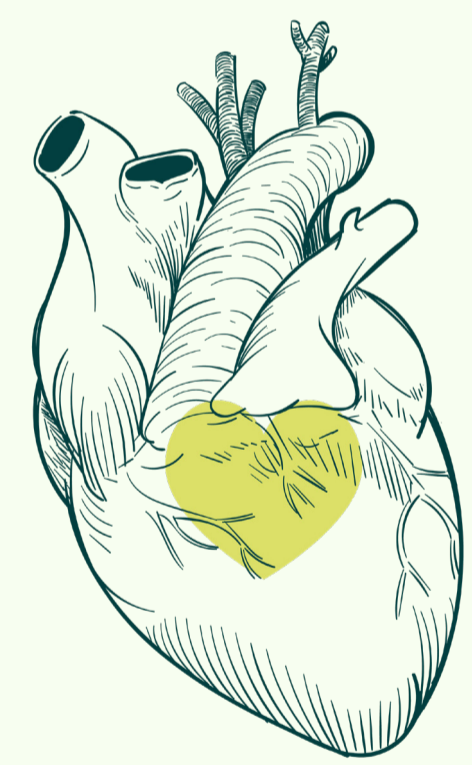
Mais no Instagram: @antonio.autor

coração antigo

zezis

trilha para o pomar,
cancela pra pular,
voltei menino
cão na estrada
deitado,
vento fresco,
céu de brigadeiro

Mais no Instagram: @juseroberto



Fonte: rawpixel.com no Freepik



Houve o tempo da tristeza

Eykman Gama

O tempo da tristeza se fez nele
Com uma dor escondida no sorriso.
Acostumou-se com ela,
Quando percebeu, amava ser triste.

O tempo da tristeza se fez nele
Como se a solidão fosse ele,
Esqueceu que a memória é passado.
Era lá, onde a dor deveria ter ficado.

O amor era enganoso.
Então, sentiu-se abandonado,
Resolvendo o passado que lhe atenta.

O tempo da tristeza se fez nele
Até alguém que fez felicidade com ele,
Juntos, não poderia haver solidão
Desacostumou-se e se fez feliz.

Mais no Instagram: @belas.cv

A montanha

José Almir

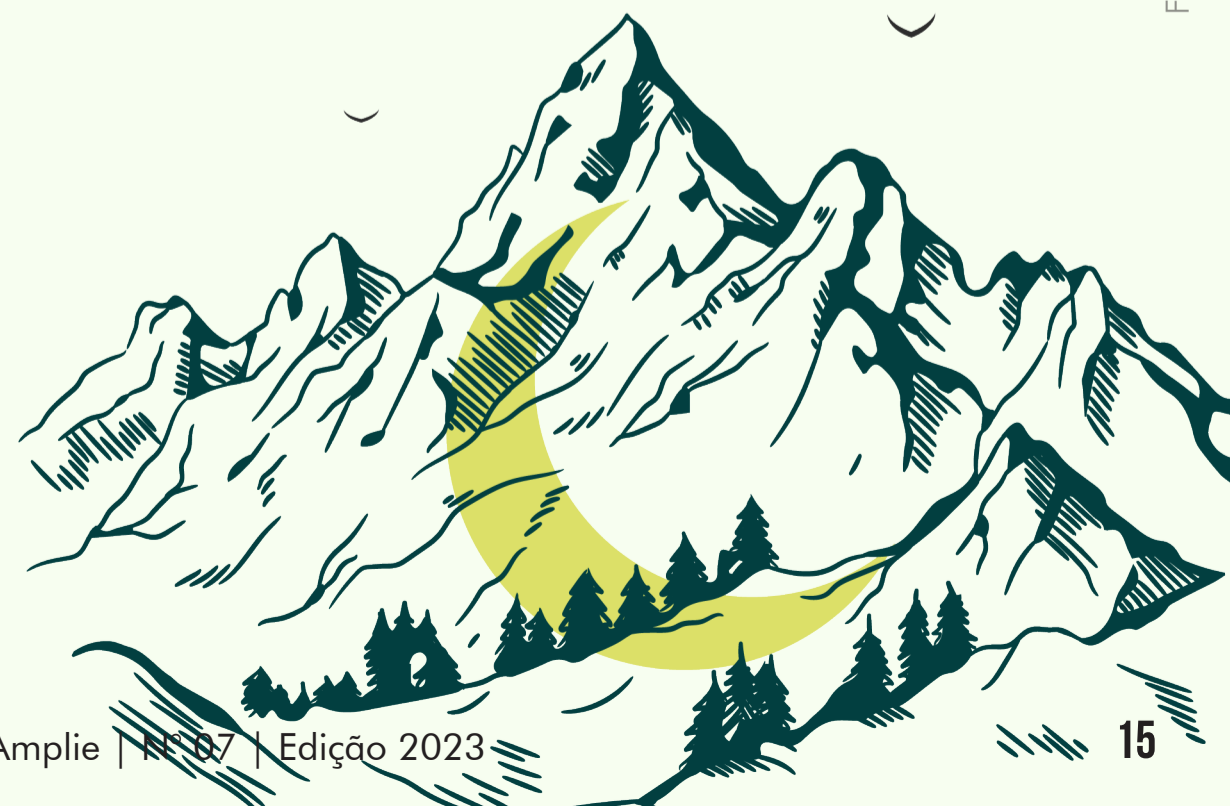
Há pouco estava toda ostensiva,
Agora já não atrai os olhares.
A montanha, em tons de cinza,
Avisa que a alegria se despede.

Lá os bichos se recolhem nas tocas,
Outros em galhos e ninhos.
Pois o inimigo se insurge,
Ninguém quer ficar sozinho.

Entram em cena
negros personagens;
Uns saem a roubar,
Outros a trabalhar.
A escuridão é a mesma
Cada um escolhe como usá-la.

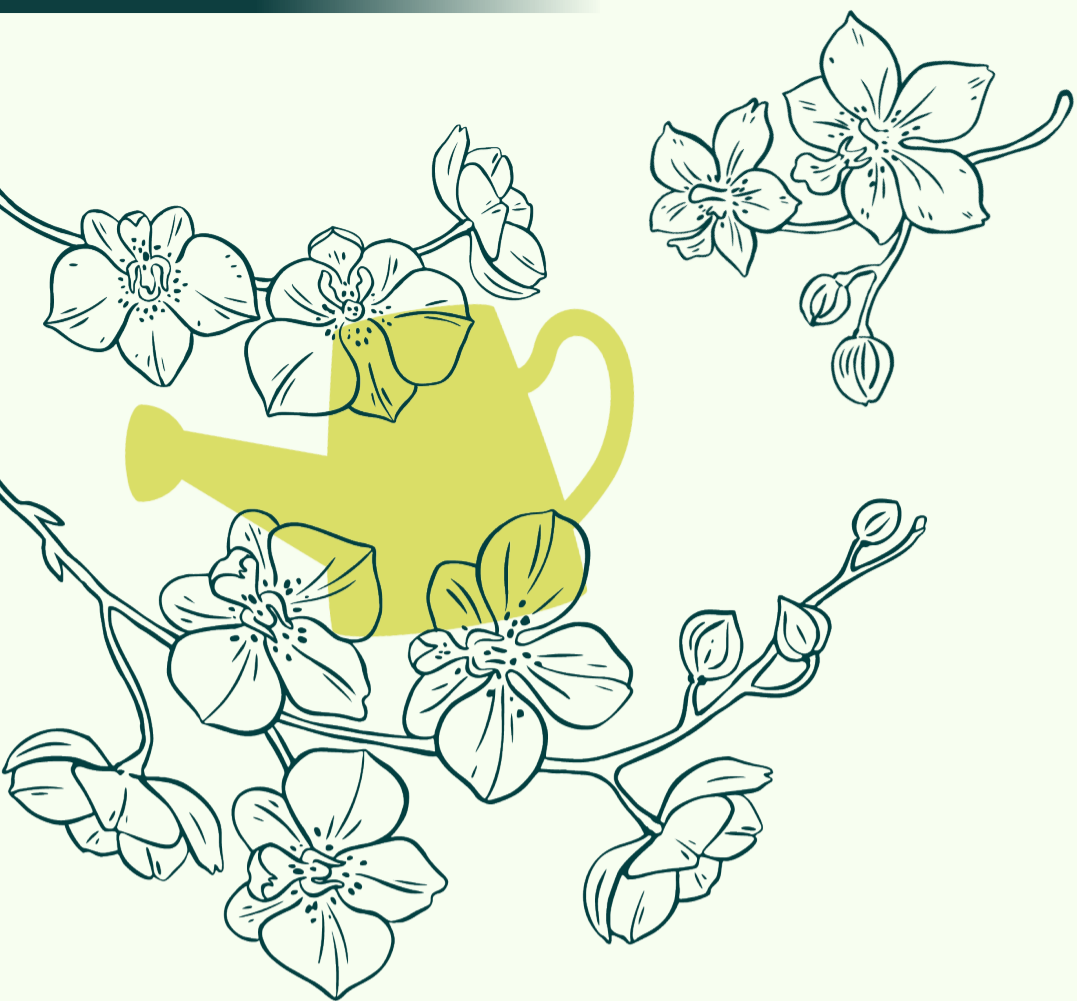
A montanha vai se apagando
Numa visão turva,
Como a vida que se declina,
Em enfraquecidas lembranças
De uma juventude em verdes dias.

Mas Grite que há Esperança!
Não ficarão jogados no escuro.
Já se desponta o luar
E harmoniosa será esta noite!



Fonte das demais ilustrações: Freepik





Dá de sal

Pedro Henrique

Saudade é *apertoedora* já que *indosável* é *desformada* pode até ser *calmanose* é *transformachusurada* a saudade é não querer fazer para parecer que o tempo não passou não é sentimento mas forma de *vidar* é *bendção* e que seria se só de sentir no peito *doretogrias* dentro de mim *senhasaveu*? Ela é mais *amolegria* e *feliciderança* vento como *companheidora* *gasolinidiesel* combustível de um veículo desconhecido tão *disponidotível* para percorrer os mais lindos caminhos das *vidalizedades*.
É *vau*...

Glossário

Apertoedora: aperto e dor
Indosável: Que não se pode dosar
Desformada: sem forma, sem medida
Calmanose: calma, ansiosa
Transformachusurada: transformadora, machucada
Vidar: verbo derivado de "vida"
Bendção: bênção e maldição
Doretogrias: dor, tormentas e alegrias
Senhasaveu: para "sem a saudade eu"
Amolegria: amor e alegria
Feliciderança: felicidade e esperança
Companheidora: companheira e doadora
Gasolinidiesel: gasolina e diesel
Disponidotível: disponível, transponível, percorível.
Vidualizedades: das porosidades e desdobramentos da vida.
É vau: saudade é momento, lugar, som e estrutura de passagem.

Bença, vó

Samuel Dutra

Esse ano vai fazer 8 anos que não te vejo
 Tenho medo de te esquecer
 Precisamente, qual era o tom castanho dos seus olhos?
 Qual era o som exato dos seus passos no taco?
 Qual era o horário acertado em que você regava suas orquídeas?
 Tenho medo de me esquecer
 Mas sempre vou me recordar
 Da sabedoria do seu silêncio
 Do calor do seu afeto
 Da ternura da sua força
 E, principalmente,
 Da imensidão da sua fé
 Agora um universo nos separa
 Mas uma palavra nos une:
 Amor
 Para me lembrar de você, basta isso
 Bença, vó
 Mais no Instagram: @_samuelvds_no;
 ou no X (Twitter): @samuccreu

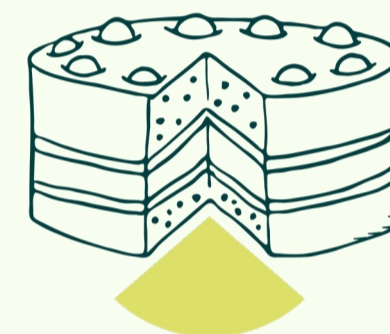
Fonte: kamimart no Freepik

O espelho

João Pedro Gomes

Me vi dentro de uma bela casa, bela no sentido ideal de lar: a manifestação material de todos meus anseios consumistas. Andei pelos cômodos como que em estado de êxtase e admiração. Quando me deparei com o espelho, porém, vi que algo não se encaixava. Um rosto triste e deplorável me fitava de volta. Para meu terror, era meu próprio rosto. A angústia e a aflição inundaram meu coração, até que uma voz, como que vinda do além, me disse: "Conseguiu, era isso que você sempre quis. Está feliz agora?"

Mais no Instagram: @joaopgomes480



Sabor de memória

Pedro Zerwes

No elevador lotado,
 doutorgaram
 que só poderá falar do tempo
 de todas as células com receita
 de vida.
 Mas porém uma senhora,
 que acaba de entrar,
 ostenta um recado no celular.
 Olhar.
 Vibrando memória do bolo
 que havia dividido com amigas.
 Já na noitinha passada,
 a senhora,
 as amigas,
 a calda de aurora!
 Mais no Instagram:
 @pedro.zerwes

Sobre a saudade

Clara Justino

Mais um dia olho pro teto branco,
 enquanto você colore meus pensamentos.
 Não sinto sua respiração divina,
 sua luz dourada dilacera meu peito,
 enquanto dele escorre sangue profano de amor.
 Me sinto em chamas,
 você ao meu encontro,
 e quando enfim chega,
 sou incêndio completo.
 Com sua saudade,
 um amontoado de brasas,
 prestes a ser levado pelo vento,
 à espera do seu fôlego vivo,
 que me torna a acender.
 Em saudade me personifico,
 enquanto você colore meus pensamentos.



Fonte das demais ilustrações: Freepik



COLONIALISMO MÍSTICO: O LADO OSCURO DAS HISTÓRIAS DE AVENTURAS

Por Jairo Levate

Um dos mais amados gêneros literários de todos os tempos, a narrativa épica, está presente na nossa cultura desde as epopeias homéricas, persistindo com o passar do tempo e se adaptando aos medos e anseios de cada época. Com a expansão marítima europeia, essas tramas foram infestadas pela ideia de lugares longínquos e exóticos, que dominaram o imaginário da época. No clássico “Os Lusíadas”, ao analisar essa obra por um olhar mais crítico, nota-se por trás de sua beleza e maravilhas um olhar extremamente eurocêntrico e preconceituoso sobre povos não brancos e suas culturas.

O primeiro caso notável foi a primeira tradução europeia da célebre coletânea persa-árabe “Mil e uma noites”, de Antoine Galland, que ao traduzir o

texto mudou radicalmente sua estrutura e conteúdo para que ele fosse mais palatável ao público europeu. Além disso, adicionou também contos que não estavam presentes na coletânea original, removendo os aspectos culturais já existentes e esvaziando o sentido das atitudes de seus personagens. Temas como ganância e desvio moral foram elevados ao último grau nessa versão para dar a impressão de um oriente dominado pela barbárie e pela corrupção, com habitantes hiperssexualizados e traiçoeiros, dominados por seus desejos materiais e capazes de tudo para realizá-los.

Essa redução do Oriente Médio, de seus povos e de suas culturas a deturpações e estereótipos foi nomeada por Edward Said como “Orientalismo” em

Legenda: A coleção do “Livro das Mil e Uma Noites”
Foto por: Biblioteca Azul no Facebook



seu livro homônimo. Sendo esse um movimento artístico feito por europeus de representação do oriente como “o outro”, o lugar místico e sanguinário, que seria um constante perigo para o bem-estar da “Europa civilizada”, ainda que a fascine com suas belezas e mistérios. Exemplos notórios são as obras dos aclamados poetas Lord Byron e Charles Baudelaire, em que alguns de seus poemas relatam o Oriente como essa terra magnífica e encantadora, mas cheia de bizarrices e perigos.

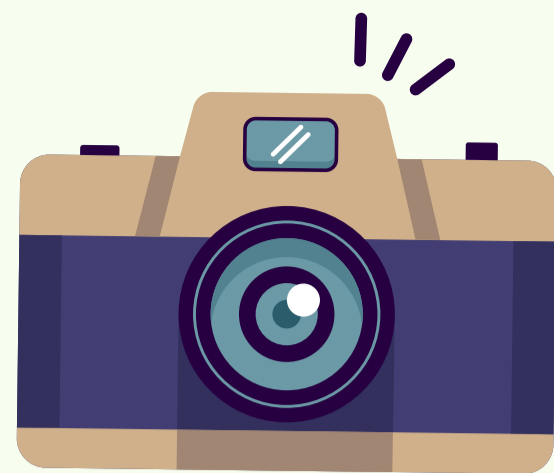
Com o advento do imperialismo e a dominação europeia do século XIX, lugares como África e Índia se tornaram os novos objetos da fascinação europeia e a inspiração de cenários para os autores criarem suas aventuras extraordinárias. Baseando-se nos relatos dos exploradores, ideias equivocadas e simplistas se tornaram verdadeiros tesouros fantásticos na literatura, na qual haveria civilizações há muito tempo perdidas que guardavam tesouros majestosos, permeadas por selvas densas repletas

de feras brutais e nativos selvagens. Dois exemplos notórios são “O livro da selva”, de Rudyard Kipling, que constrói a imagem de uma Índia mística e exótica, e “As minas do rei Salomão”, de H. Haggard, com uma trama que gira em torno da possibilidade de existir antigos mistérios bíblicos perdidos no então misterioso continente africano.

As narrativas coloniais atingiram seu auge com a literatura popular do início do século XX, as famosas “revistas pulp”, que chegaram a ter um editorial exclusivo dedicado apenas a “contos orientais”. O famoso personagem Tarzan pode ser considerado a personificação desse gênero: a trama de um homem branco que cresce na África e domina as tribos ao seu redor, retratada das maneiras mais racistas possíveis, representa de forma metafórica a suposta superioridade do homem branco.

Obviamente que, ao analisar essas obras, é fundamental compreender o contexto e a mentalidade dominante da época. Porém, considerando sua permanência e influência na cultura e mentalidade popular, é necessário consumi-las com um olhar crítico para não perpetuar seus elementos problemáticos, ainda enraizados em nossa sociedade.





Dá uma espiada no nosso mural! Cada foto aqui foi enviada pelos nossos leitores. São pequenos registros do imenso amor deles por literatura. E se quiser ter uma foto ou desenho seu na nossa próxima edição, fique atento às nossas redes sociais para não perder a oportunidade!



Os meus livros favoritos! Li, reli, chorei, pulei, gritei... Foram tantas as memórias e os afetos que tenho com eles. Cada um com seu momento, com seu significado para mim. O melhor de tudo é que pude compartilhá-los com pessoas que amo, que fazem parte do meu eu hoje. E é incrível isso! Que celebremos à Literatura e a seu poder de nos levar a outros mundos, vivências e emoções... E de ter permitido encontrar conforto e amizade entres as palavras!

- Mateus Bitarães



Ficar simplesmente olhando pros meus livros alinhadinhos me traz felicidade. Pegar eles pra cheirar as páginas é uma sensação que só os leitores entendem.

- Luisa Pinto Souza



Capitães da Areia é meu livro preferido há anos, existe algo em como esses personagens são reais, completos, falhos e lindos que me prende toda vez que eu percorro meus olhos por essas páginas.

- Isabella Cardoso Gonçalves de Andrade



As histórias em quadrinhos do Calvin e Haroldo são as minhas favoritas, me fazem conectar com o meu "eu criança". Além disso, ganhei o livro de uma pessoa incrível, o que torna ele ainda mais especial.

- Antônio dos Santos



Na foto eu tentei passar a sensação de ler esse livro, que é estranho e retrata um comum fora da ótica, mas com brilho.

- Hamilton Alex da Silva



Esse livro me marcou muito quando passava por um momento difícil desse ano!

- Michelle Silveira



Afinal, os brasileiros se interessam por literatura?

por Cibelle Ferreira

Fenômenos como a falência de editoras e livrarias têm colaborado com a ideia de que os brasileiros deixaram de consumir literatura. Em matéria publicada pelo jornal Poder 360, em maio de 2023, observou-se que o Brasil aparece em 52º lugar no ranking internacional de leitura, além de ter se tornado objeto de comparações diretas com outros países — enquanto os franceses leem aproximadamente 21 livros por ano, a média de cada brasileiro é de aproximadamente 5 livros.

100 mi
de leitores

Motivados por pesquisas como essas, veículos midiáticos construíram esse imaginário de que brasileiros, no geral, não têm interesse pela leitura. Com isso, tornou-se comum observar reportagens e textos de opinião com títulos como “Por que os brasileiros não leem mais?”, que trazem uma ideia de culpabilização, como se esse não fosse um tipo de entretenimento escolhido pela população.

Contudo, existem algumas contradições na busca por dados específicos sobre o assunto, e outros parâmetros que devem ser analisados. A maioria das análises acerca do tema são baseadas na última pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, registrada em 2019, que afirmou que contamos com aproximadamente 100 milhões de leitores no país, correspondendo a 52% da

população. Esses números, apesar de não se enquadrarem nos ideais, demonstram uma possível ascensão, ainda não representada por uma versão mais recente do levantamento.

No entanto, algumas informações recentes trouxeram perspectivas bastante otimistas. No Dia do Livro de 2023, o Portal Metrôpoles publicou uma matéria que destacou como o hábito da leitura se fortaleceu durante a pandemia. Além disso, fenômenos digitais como a disponibilidade de e-books gratuitos ou com preços acessíveis e o surgimento de diversos perfis nas redes sociais que tratam sobre assuntos literários — “booktubers”, “booktoks” e “bookgrams” — também têm sido fortes incentivos para esse avanço.

Outro contexto recente relevante que demonstra essa ascensão do hábito de leitura para os brasileiros foi a 21ª edição da Bienal do Livro do Rio de Janeiro, que aconteceu em setembro de 2023. O evento contou com mais de 600 mil visitantes e teve 5,5 milhões de livros vendidos — uma média de 9 livros por vi-

5,5 mi

de livros vendidos na bienal

9

livros por visitante

sitante —, o que representou números recordes para a Bienal.

A partir disso, percebe-se como a maioria das pesquisas, que se baseiam em dados desatualizados, fortalecem um imaginário incorreto sobre a realidade desse contexto no país. Não se pode, é claro, ignorar os diversos fatores históricos, culturais e sociais que dificultam o acesso à leitura e que impedem o país de aparecer no topo das posições nas próximas pesquisas. Porém, observa-se a possibilidade de um avanço e um interesse cada vez maior dos brasileiros pela leitura, que, ao contrário do que sugerem a maioria das opiniões veiculadas pela mídia, demonstra como esse cenário pode mudar.



Amplie entrevista:

José Vecchi



José Vecchi de Carvalho é um escritor mineiro que iniciou compondo músicas, mas se destacou mesmo com a escrita de contos. Nascido em Cataguases, viveu boa parte da vida em Viçosa-MG, onde construiu uma carreira como escritor aos 50 e poucos anos. Em 2006, participou da coletânea de crônicas “A casa da rua alferes”. Tempos depois, publicou os livros de contos “Duas cruzes” (2018), “Contradança” (2020) e “Cada gota de silêncio” (2021). No ano dessa entrevista, 2023, Vecchi publicou seu primeiro romance, o “Redemunho”, que apresenta um personagem cético e antissocial que se vê sendo puxado para as banalidades da vida que sempre julgou.

Amplie: Antes de ser escritor, todo mundo é leitor, então como começou a sua relação com os livros?

José Vecchi: Bom, minha casa nunca foi uma casa de muitos livros. Meus pais eram semianalfabetos. Meu primeiro contato foi na escola, com “A Bonequinha Preta”, aos sete anos de idade. No ginásio, eu tive contato também com outros livros, mas nada disso me causava tanto envolvimento com a literatura. Recordo-me que o que me causou envolvimento com o livro foi quando minha professora de português, do último ano do fundamental, pediu para que a gente lesse um capítulo de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, presente no livro didático — era o capítulo “Olhos de Ressaca”. Depois da leitura desse texto, ela o analisou e isso começou a aguçar a minha curiosidade. Então procurei saber “que diabo de livro é esse?”, até que um dia eu o achei. Tinha lá meus 15/16 anos, a minha leitura naquela época não era a mesma que fiz anos depois, mas me fascinou. Acho que a partir desse ponto que fui fisgado para me tornar leitor. No entanto, minhas condições financeiras não me permitiam um acesso facilitado aos livros e nem tempo para ler direito, pois tinha que trabalhar e estudar. Ainda assim, nas minhas pequenas possibilidades, eu procurava o livro.

AM: Como se iniciou a sua história como escritor?

JV: O “como” é meio difícil de dizer assim. Na minha juventude, eu era envolvido com grupos musicais e

atuava mais como compositor. Num belo dia — e eu continuava lendo na medida do possível —, os membros do grupo tiveram a ideia de fazer um livro de crônicas. Eles me escalaram para ser um dos cronistas, falavam que minhas letras eram como crônicas. No início, não me senti muito à vontade, mas, como eram amizades que não me permitiam dizer não, eu acabei fazendo as crônicas. Em 2006, saiu esse livro, e então essa coisa começou a me fascinar também. Como obtive alguns retornos de pessoas falando das crônicas que fiz e que algumas não eram bem crônicas, mas sim contos — essa separação que às vezes as pessoas insistem em fazer —, então comecei a estudar um pouco mais a fundo esse gênero; comecei a fazer oficinas, a ler mais livros de contos também — comecei a gostar da “brincadeira”. Acho que assim surgiu a ideia de investir um pouco mais na literatura; não só do ponto de vista como leitor, mas também como um inventor de histórias.

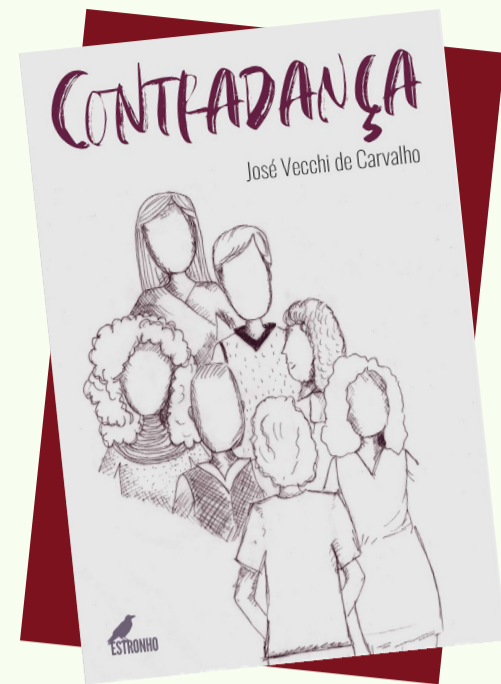
AM: Você já publicou três livros de contos: “Duas cruzes”, “Contradança” e “Cada gota de silêncio”. Como foi o processo de criação desses livros?

JV: Quando as pessoas me perguntam como é o processo de escrita, eu costumo dizer que varia de um autor para outro, por isso não dá para afirmar: “faz assim que vai dar certo”, “não faz assim que vai dar errado”. Não existe regra. Para meu primeiro livro, eu estava com ideia de escrever uma novela quando surgiu um con-



curso literário que tinha poesia, conto e romance. O edital não contemplava novelas — embora essas separações sejam sutis. Mas pensei: “bom, não tenho um romance, mas eu posso transformar isso em contos”. Desse modo, fui tentando separar cada capítulo e dando uma certa independência entre eles. Assim saiu meu primeiro livro.

Meu segundo livro, esse sim foi planejado para ser de contos, que foi o “Contradança”. Ele teve um processo diferente, mais próximo daquilo que eles ensinam nas oficinas. Planejei cada história, cada personagem. Claro que em cada história que você pensa uma coisa ou outra muda um pouquinho no final. Chega o momento em que o autor percebe que uma coisa não está funcionando bem da forma planejada. Então o que ele faz? É mudar ou desobedecer o plano. E isso ocorreu com esse terceiro livro, “Gotas de Silêncio”. Afinal “porque eu tenho que ficar preso a uma ideia inicial só porque era uma ideia inicial?”. Então



havia um planejamento que foi, de certa forma, alterado no decorrer do seu desenvolvimento - o que é natural.

Depois de se consolidar como contista, você publicou o seu primeiro romance. Como foi essa experiência? A criação de um livro de contos difere muito da de um romance?

Eu costumo dizer que tenho uma ideia que me persegue, ou que eu a persigo, desde 2014 ou 2015, mas ela ainda não tinha vingado. Toda vez que falo que “agora vou me debruçar sobre esse livro”, surge outra ideia que me fisga, então acabo abandonando essa ideia inicial e partindo para essa segunda. O “Redemoinho” surgiu assim. Eu estava trabalhando nessa ideia antiga, e uma outra ideia surgiu. Ela me atraiu como um redemoinho, por isso o nome.

Agora, o que considero diferente é que no livro de contos, embora você faça um mundo de planejamento, estabeleça prazos, as histórias são independentes. Portanto, você não precisa ter uma sequência para o próximo conto, pode

dar um tempo. O romance, não; pois, quanto mais você se afasta dele, mais dificuldade você tem. Então, esse romance exigiu de mim um trabalho diário, porque como a ideia estava fervilhando, era como se eu não pudesse perdê-la. Seguindo um pouco a linha do Machado de Assis, “Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro...”. Isso está em “Primas de Sapucaia”. O romance exige um trabalho constante, se você parar, você perde um segmento da história que depois você teria que voltar muito lá atrás para recuperar. O trabalho do romance exige uma dedicação mais diária até o fim. É diferente do conto, no qual você pode fragmentar o seu trabalho. No romance, eu acho que você não pode. Eu, pelo menos, não conseguiria concluir o livro. E estou dizendo isso porque há um livro que eu venho tentando trabalhar há anos, eu já parei por várias razões, e toda vez que vou pegar, tenho que voltar do início e não consigo dar sequência.



AM: Quais são as maiores dificuldades de ser escritor hoje no Brasil?

JV: A maior dificuldade? (risos) Acho que todas as dificuldades são grandes. Mas a grande dificuldade é que o livro, especialmente se for literário, exige, além da leitura, uma certa capacidade de decifração de um código que está ali, já que se trata de literatura. O que estou querendo dizer é que o livro, como um produto que exige de quem vai ler um esforço cognitivo, é difícil de ser vendido. Essa exigência torna o produto menos atrativo. É mais fácil para um jovem ficar na internet ou ver um filme “blockbuster da vida”, ou ler um livro de maior facilidade para ele. O livro compete com produtos que são mais palatáveis ao jovem, à sociedade, de modo geral.

E a dificuldade que eu considero a maior, é que não há, no país, uma visão engajada de que o livro seja umas das principais ferramentas para o desenvolvimento da sociedade. As nossas escolas não trabalham tanto a literatura. Quando o indivíduo entra para a escola, a família e a sociedade já querem que ele seja outra coisa. Essa outra coisa não impede que ele seja um leitor, mas parece que a literatura desvia, que cria “diabinhos” na cabeça da pessoa. O livro não tem tanto apoio governamental. A gente viveu momentos tenebrosos, inclusive, em um passado recente. Há uma esperança de que haja investimento, mas esse entrave colabora para que não vejam o livro e a literatura como algo importante. Não é que tem que encher o país de escritor. Mas estamos cansados de ver profissionais que

nós somos teimosos, nós insistimos, vamos continuar!

não sabem fazer um relatório, o que é pela falta de leitura. Tem países menores, com o número absoluto de bibliotecas maior. Minas Gerais, por exemplo, fechou muitas bibliotecas. Você não pode acreditar que a literatura vai ter espaço em um país que fecha bibliotecas. Essas são, para mim, as grandes dificuldades... Mas para completar, nós somos teimosos, nós insistimos, vamos continuar!

AM: Quais conselhos você daria para alguém que quer ser escritor?

JV: Leia bastante. Leia os clássicos, leia os contemporâneos, o que foi escrito no passado, o que está sendo feito no presente. Não consigo conceber um escritor que não lê. Isso não significa que vai ser um bom escritor. Eu nem gosto de dizer como eu me classifico, quem tem que dizer isso é o leitor. Mas de qualquer forma, eu procuro sempre aprimorar minha capacidade de escrita com a leitura. Então, é de tudo, leia sem preconceito. Exercício de escrita também é fundamental. Você exercita a escrita mesmo. Não adianta falar assim: “Amanhã vou sentar e escrever...”, isso vai só protelando. Aconteceu comigo, fui só protelando. Quando escrevi meu primeiro livro, já tinha 58 anos. Assim, é bom ler uma teoria também. Mas não vai ficar preso nisso. Acho que se você vai transgredir uma “regra”, entre aspas, porque também não existe uma regra, é bom que você conheça aquilo que está transgredindo. Em literatura, eu considero isso fundamental, então é a leitura, o conhecimento e, mais uma vez, o exercício.

Geopoética: aliando a literatura à educação ambiental

Por Libélula Vitória



Traduzido como a “poética da Terra”, o termo “Geopoética” foi utilizado pela primeira vez no final da década de 70, pelo franco-escocês Kenneth White. A palavra poética está relacionada ao sentir. Como todos nós temos essa capacidade e fazemos parte do planeta Terra, a Geopoética está presente em nossas vidas desde o útero de nossas mães, e por isso é uma excelente ferramenta para se trabalhar a sensibilidade ambiental. Embora exista o Instituto Internacional de Geopoética, fundado por White, existem centros sobre a temática em diversos países: Escócia, Suécia, França, Suíça, Itália, Sérvia, Nova Caledônia, Chile e até aqui, no Brasil.



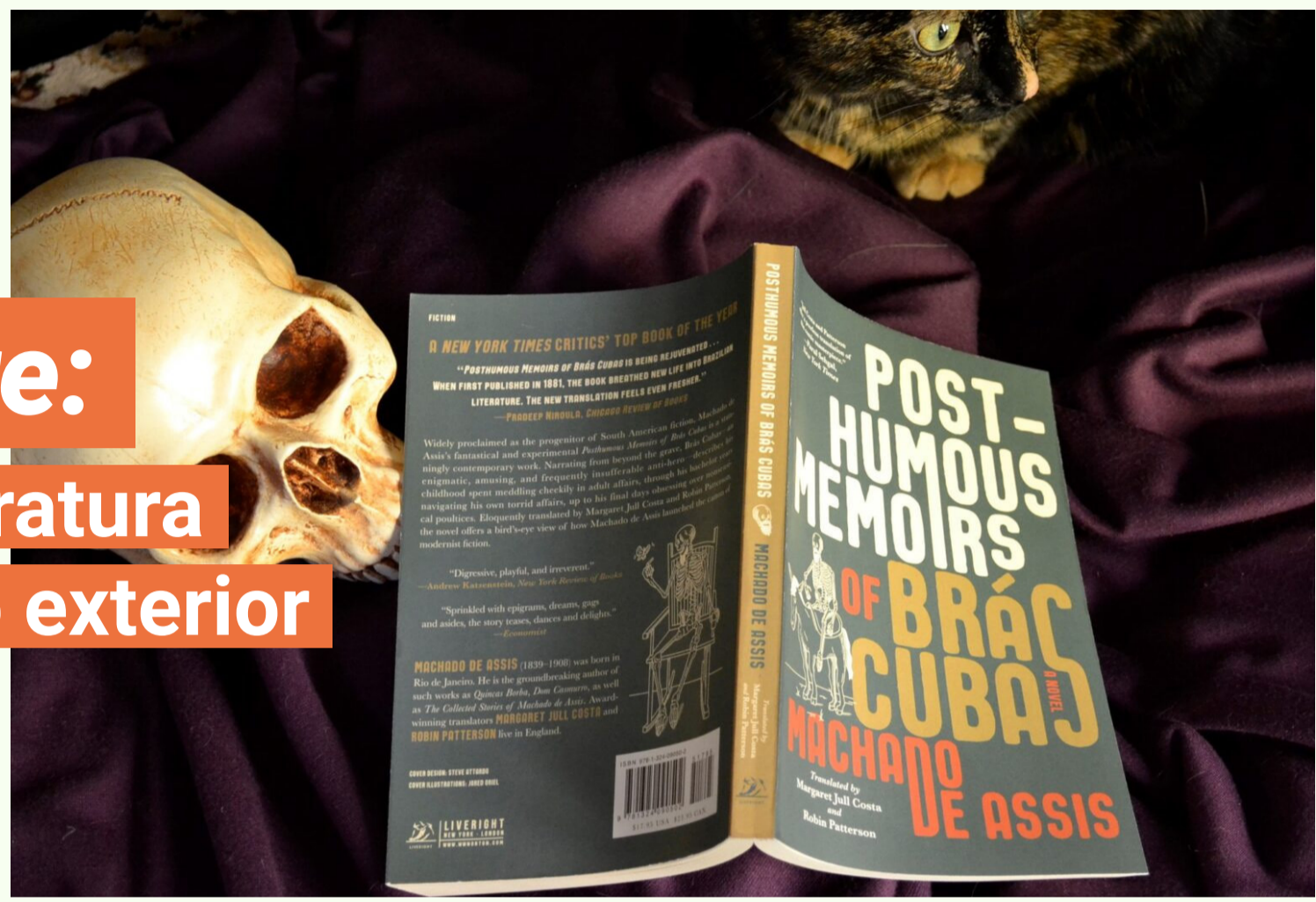
Projeto Meio ambiente é poesia na Semana do Fazendeiro de 2023 - Viçosa MG

Atualmente, existem diversas pesquisas e até pós-graduações na área, sendo o primeiro texto escrito no Brasil com base geopoética a “Carta” de Pero Vaz de Caminha, enviada a Portugal com o intuito de informar a Coroa Portuguesa sobre a nova colônia. A maioria dos artigos publicados tem como base trabalhos literários já existentes. Livros como “A formiguinha e a neve”, de João de Barro, e “O triste fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto, versam sobre questões ambientais, por exemplo.

Além do mais, existe na UFV um projeto de extensão chamado “Meio ambiente é poesia”, coordenado pela professora do Departamento de Engenharia Florestal Lausanne Soraya de Almeida. Ele tem como objetivo principal o uso da literatura na sensibilização ambiental, possuindo uma revista em quadrinhos intitulada “Maneco”, em homenagem ao poeta Álvares de Azevedo. Ela é destinada ao público acima dos cinco anos, tem publicação on-line e gratuita e versa sobre diferentes temas

ambientais, como, por exemplo, a importância da fauna e flora, saneamento básico, conservação da água e do solo, mostrando o ser humano como um agente transformador do meio onde vive.

Legenda: A leitura de Machado de Assis tem se fortalecido nos últimos anos. Foto por: S. Hargrave



Brazilian literature: Como a presença da literatura brasileira é percebida no exterior

por Isabella Cardoso

A literatura brasileira tem se fortalecido no exterior. Como exemplo, a mais nova tradução de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, para a língua inglesa, se esgotou apenas um dia após seu lançamento. Além disso, sua versão para Kindle, da Amazon, ficou algumas semanas no topo dos e-books mais vendidos, na categoria “Ficção Latino-americana e caribenha”. Para além dos clássicos, autores atuais, tanto veteranos quanto novatos, conseguem fazer acordos para serem publicados em outros países, em especial aqueles vinculados à Rocco, detentora das obras de Clarice Lispector e presente em 20 países, e a Companhia das Letras, detentora das obras de Jorge Amado. Este último foi desbancado como o autor mais vendido no exterior por Paulo Coelho, que teve sua obra “O Alienista” no Guinness Book como o livro mais traduzido do mundo. Apesar disso, esses não são os primeiros autores que aparecem na cabeça de um brasileiro quando perguntado sobre auto-

res nacionais. “É curioso como certos autores, certas obras, ou mesmo gerações inteiras de escritores de certo país se tornam mundialmente conhecidos, enquanto outros parecem acorrentados a sua língua materna”, comenta Hudson Caldeira, no artigo “Quem se importa com Machado de Assis?”, publicado no Estado da Arte em junho de 2020. Além disso, Hudson segue propondo algumas explicações para a limitação do alcance de certos autores no exterior.

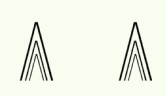
A primeira parece óbvia: a linguagem. Português é uma língua de alcance limitado, e não existem tantos tradutores para passar esses livros para outros idiomas, além desse ser um custo extra para as editoras na hora de publicar. Também é preciso considerar que poucos editores e críticos estrangeiros são capazes de ler as obras em português, gerando um ciclo em que obras nacionais não são traduzidas porque são pouco lidas e não são lidas porque são pouco traduzidas.

Por isso é essencial para os autores que suas editoras já tenham acordos internacionais e que estejam dispostas a arcar com os custos da tradução desses livros, antes mesmo de tentar começar a vender os direitos de publicação para editoras estrangeiras. A valorização da literatura brasileira no exterior é proporcional ao esforço feito aqui dentro para empurrar essa literatura para fora do país.

obras nacionais **não são traduzidas** porque são pouco lidas e **não são lidas** porque são pouco traduzidas



Legenda: Paulo Coelho é o autor brasileiro mais lido do exterior. Foto por Aaliyah Alexander



AMPLIANDO

A Amplie leva capacitações para escolas públicas da região de Viçosa, porque sabemos da importância de saber escrever bem na hora de compartilharmos nossas ideias. Após as oficinas, os alunos colocam em prática tudo o que aprenderam escrevendo uma matéria para a revista. Nesta editoria, você irá conferir as duas matérias selecionadas feitas pelos alunos do 9º ano, Luan e Ingrid, da Escola Municipal Coronel Antônio Silva Bernardes (CASB).



Para que ler?

Por Luan Daniel Corrêa (9º A)

Para que ler? Essa é a pergunta que muitas pessoas fazem, mas realmente qual é o motivo?

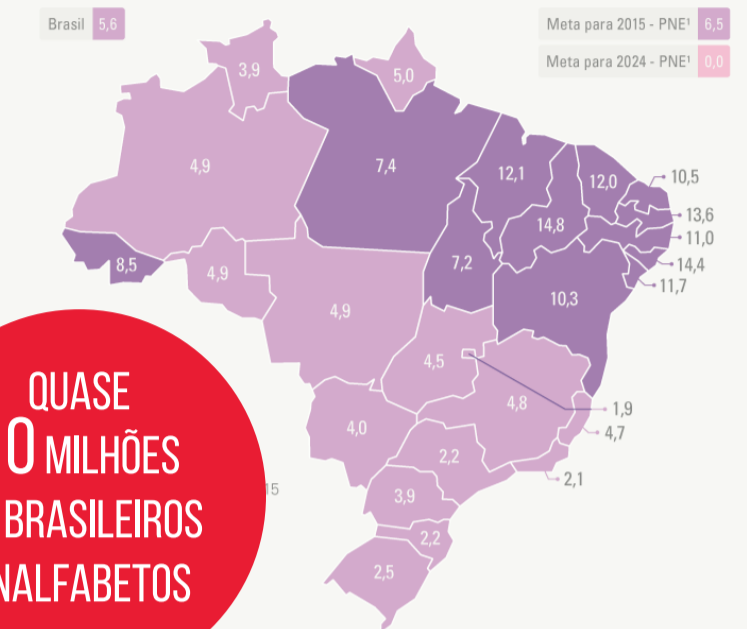
A leitura estimula o raciocínio mais rápido das pessoas, pois melhora o vocabulário e a capacidade de interpretação.

De acordo com uma pesquisa, o Brasil ainda tem quase 10 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que não sabem ler. Não saber ler interfere nos estudos, trabalho etc. Pode-se afirmar que a leitura é muito importante no cotidiano.

Algumas pessoas têm preguiça de ler livros físicos, elas preferem livros digitais, por sentirem mais prazer ao lerem e se concentrarem melhor. Mas também tem aquelas que preferem livros físicos para seguirem a tradição.

E você? Gosta de livros digitais ou físicos?

Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade (%)
Por unidades da federação



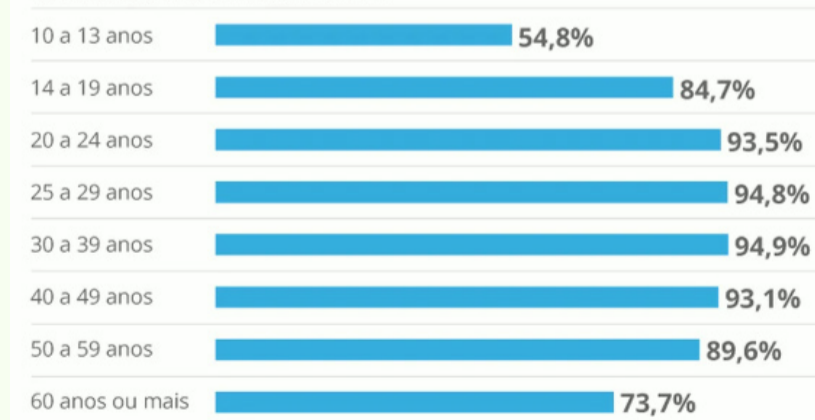
Fonte: PNAD Contínua Educação - 2022

O livro em falta

Por Ingrid Moreira (9º A)

Percentual de pessoas que tinham telefone móvel para uso pessoal

Em 2022, 160,4 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade tinham celular



Fonte: Infografia/O GLOBO

No filme "Wall-e" é retratado que o uso excessivo de tecnologia deixou a sociedade doente, necessitando dela para atividades básicas do cotidiano. Fora da ficção, é notável o interesse das pessoas, em sua maioria crianças e adolescentes, por aparelhos celulares, notebooks e computadores. Muitas vezes, elas deixam de lado atividades que realmente beneficiam as capacidades humanas, sendo a leitura uma dessas.

Ainda que algumas instituições de ensino tenham que estimular as crianças e adolescentes a lerem, é uma tentativa geralmente falha, tendo em vista que a internet é mais atrativa e fácil de se consumir, com *timelines* infinitas e conteúdos rápidos, podendo afetar nossas habilidades cognitivas.

Portanto, é de extrema importância que as pessoas se conscientizem a respeito do celular, porque a leitura estimula o raciocínio, a criatividade e diversas outras habilidades humanas. Em suma, o hábito de ler representa uma importante ferramenta para manter o cérebro e as capacidades mentais em forma.

AMPLIE INDICA

Que tal ir além dessas páginas? Se você é do tipo que ama o universo da literatura, aqui vão algumas indicações Amplie, direto da nossa biblioteca para a sua.

APLICATIVOS

Se você adora se perder em mundos literários e vive com a cabeça entre mil páginas, pode ser fácil se perder, por isso você precisa conhecer o **Goodreads** e o **Skoob**! Esses apps são tipo redes sociais para quem ama livros. Esqueça aquela sensação de “o que eu li mesmo?”, com esses apps, sua estante virtual está sempre organizada e pronta para receber novas histórias. Você pode compartilhar suas descobertas literárias, criar uma *wishlist* interminável e fazer um diário de leitura. Há algumas diferenças entre eles, então vale a pena baixar os dois e ver qual gosta mais, porém o Skoob por ser um app brasileiro pode ser mais fácil de usar para alguns.



Skoob



Goodreads

SEBOS



Estante Virtual



Bello Sebo

Para aqueles que não querem prejudicar o orçamento e o planeta, os sebos online, como **Estante Virtual** e **Bello Sebo**, são verdadeiros paraísos. Além dos custos mais camarada, esses sebos oferecem a chance de resgatar aquele livro esgotado que você tanto desejava, mas que parecia ter sumido do mapa editorial.

E o legal é que, depois de se deliciar com as histórias, você ainda pode passar seus livros adiante. Esse é um ciclo sustentável de leitura, onde os livros ganham vida nas mãos de diferentes leitores, evitando que fiquem esquecidos em uma prateleira.

LIVROS

O Leitor Comum (Virginia Woolf)



Essa é uma coletânea de ensaios de Virginia Woolf, lançada em 1925. Nesses ensaios, a autora compartilha perspicazes reflexões sobre literatura, abordando diversos temas de maneira acessível. Woolf oferece insights únicos sobre autores clássicos e contemporâneos, destacando a influência do contexto histórico na criação literária. A obra reflete a paixão de Woolf pela leitura e seu desejo de tornar a literatura mais acessível e envolvente para todos os leitores.

BOOKSTAGRAM

@dayharabooks

Dayhara Martins é um verdadeiro refúgio para os amantes de literatura que buscam uma abordagem única e relevante. Por ser revisora de texto, Dayhara traz uma perspectiva aguçada para suas análises literárias, destacando especialmente questões raciais, um assunto muito importante para ela. Dayhara também atua como mediadora no instagram Raízes do Horror, um coletivo/clube de leitura sobre horror e terror.

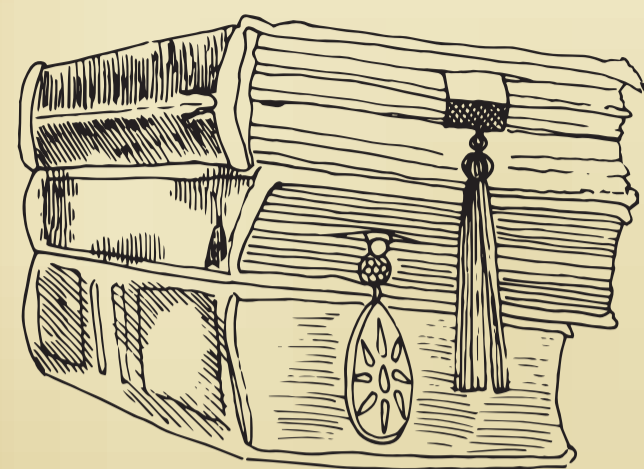
@bdebarbarie

“B de Barbárie”, comandado pela jornalista Bárbara Krauss, destaca-se por sua abordagem incisiva e comprometida com a interseção entre literatura e política. Bárbara deixa claro, já na descrição, o tom da página: “Aqui onde tudo é político!”. Com uma perspectiva afiada, ela mergulha nas obras, contextualizando-as dentro do cenário político contemporâneo, proporcionando aos seguidores uma visão única e crítica que transcende as fronteiras da ficção para abraçar a realidade.

@leitura.motivada

“Leitura Motivada”, da Timna, é um oásis para os amantes de livros em busca de inspiração e motivação para suas leituras. Com uma abordagem que atravessa os tempos literários, Timna, aos 23 anos, oferece uma perspectiva única que abraça tanto os clássicos quanto os contemporâneos. Sua página não é apenas um espaço de recomendações, mas uma fonte de estímulo para que os seguidores mergulhem em obras de diferentes épocas e estilos.





EXPEDIENTE

A Revista Amplie: Jornalismo em parceria com a comunidade é um projeto de extensão, vinculado ao Departamento de Comunicação Social da UFV. Registrado no RAEX: PRJ-200/2023. Coordenação institucional: Henrique Mazetti.



revistaamplie@gmail.com



@revistaamplie

Editor Geral

Antônio dos Santos

Orientador

Henrique Mazetti

Diagramação

Antônio dos Santos

Leonardo Amorim

Maianna Medeiros

Natália Souza Lana

Marketing

Ezequiel Barbosa

Marcus Thulio

Mariana Jovita

Arte da capa

Antônio dos Santos

Revisão

Carolina Barreiros

Cibelle Ferreira

Mateus Bitarães

Sofia Mendonça

Vitória Pereira

Escritores

Cibelle Ferreira

Hamilton Silva

Ingrid Moreira

Isabella Cardoso

Jairo Levate

Kamily Nogueira

Libélula Vitória

Luan Daniel Corrêa

Luís Otávio

Núbia Frederico

Priscila Soares



UFV

